Tradução

Tréplica[1] (1943)

E. Franklin Frazier
Howard University

Tradução:
Rogério Brittes W. Pires
Professor Adjunto - Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG

Carlos Gomes de Castro
Doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional

Escrevo esta tréplica às críticas feitas pelo professor Herskovits a meu artigo simplesmente porque os dados que coletei no Brasil não sustentam as conclusões dele.[2] Não a escrevo porque estaria, como ele destaca em *The Myth of the Negro Past*, entre aqueles negros [*Negroes*] que "aceitam, como se fosse um elogio, a teoria de uma ruptura completa com a África" (HERSKOVITS, 1941, p. 31).[3] Para mim, pessoalmente, é indiferente se há ou não sobrevivências africanas nos Estados Unidos ou no Brasil. Logo, se há, em meu texto, "pontos cegos metodológicos importados dos Estados Unidos", é devido à minha ignorância sobre a cultura africana ou à inabilidade em observá-la. Porém, deve-se frisar que o professor Herskovits estava interessado em descobrir africanismos, enquanto eu tinha interesse em sobrevivências africanas apenas na medida em que elas afetavam a organização e conformação da família negra [*Negro family*] no ambiente brasileiro.

Ratifico aqui o que já concluí em meu artigo: a maioria das famílias que estudei apresentavam todos os graus de mistura racial [*racial mixtures*], envolvendo brancos, negros [*Negroes*] e indígenas [*Indians*]. Portanto, quando utilizada, a designação negro [*Negro*] seguiu o sentido que damos ao termo nos Estados Unidos. Não encontrei na Bahia nenhum grupo de negros de puro sangue [*Negroes of pure blood*] ou negros [*blacks*] isolados de pessoas brancas, amarelas ou pardas [*white, yellow, and brown people*]. É possível, certamente, que o professor Herskovits tenha encontrado tais grupos e que traços culturais africanos fossem evidentes na vida familiar deles. Tive o cuidado de frisar que minhas conclusões deveriam ser testadas por mais estudos. Entretanto, mesmo que se conceda a possibilidade de o professor Herskovits ter

[1] Traduzido de FRAZIER, E. F. "Rejoinder", **American Sociological Review**, v. 8, n. 4, p. 402-404, 1943.

[2] N.T.: Padronizações da tradução: palavras em língua estrangeira foram grafadas em *itálico*; termos em português utilizados pelo próprio autor encontram-se sublinhados – a ortografia do período também foi mantida; expressões raciais e algumas terminologias antropológicas são acompanhadas de [colchetes] com as exatas noções empregadas pelo autor; os [colchetes] também são usados para qualquer tipo de intervenção ou consideração dos tradutores.

[3] N.T.: A breve passagem citada por Frazier de *The Myth of the Negro Past* não é uma afirmação direta de Herskovits. Na verdade, trata-se de um trecho de uma citação maior de Carter G. Woodson (1937, p. 367). Nem no texto original de Woodson, nem no trecho específico do livro de Herskovits há referências explícitas a Frazier.

estudado um grupo diferente de negros [*Negroes*], há certos elementos de suas críticas que não podem ser deixados sem resposta.

Em primeiro lugar, gostaria de ressaltar que, se o que eu disse sobre a mulher que afirmou que sua bisavó era de origem Ewe-Mahin for lido em seu devido contexto, as considerações de Herskovits sobre os negros da Costa do Ouro [*Gold Coast Negroes*] são irrelevantes. Tanto quanto ele, sei que negros da Costa do Ouro não foram importados para o Brasil em grande número. Meu comentário era apenas que a maneira pela qual o Candomblé foi herdado poderia levar a especulações sobre a influência da cultura africana. Em segundo lugar, enfatizo que não tive a intenção de pintar um quadro de completa desorganização familiar entre os ditos negros [*so-called Negroes*]. Como procurei mostrar em meu artigo, a família entre essas pessoas não tinha um caráter institucional, mas surgia da associação entre homens e mulheres, numa relação baseada em tendências pessoais e hábitos. Embora fosse comum que homens e mulheres começassem suas famílias desse modo, não encontrei nenhuma evidência de que tal comportamento se devesse a costumes africanos. Homens e mulheres brancos [*white men and women*] de classe baixa estabelecem exatamente o mesmo tipo de união. Esse comportamento tem crescido entre os brasileiros de classes baixas devido a certos fatores econômicos e sociais. Como pontuei em meu artigo, essas pessoas se descrevem como vivendo juntas "<u>maritalmente</u>".[4] Por algum motivo, o professor Herskovits parece desconhecer o termo. Ele afirma que estaria referindo-me à relação de "<u>amasiado</u>". Meus informantes e pessoas com conhecimentos sobre as relações familiares desse grupo me asseguraram que havia uma importante diferença entre os dois tipos de relacionamento. Aquele que é conhecido como "<u>amasiado</u>" se parece mais a uma relação de amor livre, já quando as pessoas vivem "<u>maritalmente</u>", a relação é considerada conjugal. No primeiro caso, o homem pode apenas visitar a sua "<u>amásia</u>"; por sua vez, quando um homem vive "<u>maritalmente</u>" com uma mulher, mora com ela e assume a responsabilidade do sustento dela e de seus filhos. Como afirmado em meu artigo, o que chamei de "casamentos consuetudinários" [*common-law marriages*], com frequência, acontecem quando há uma gravidez ou quando um homem deflora uma menina e, voluntariamente ou sob demanda dos pais dela, faz uma casa para a moça e assume as responsabilidades de marido. Em tais práticas, observa-se a influência da cultura brasileira, que é fortemente patriarcal. Ademais, não encontrei quaisquer indícios que sustentem a afirmação do professor Herskovits de que os negros [*blacks*] exercem mais vigilância sobre o comportamento sexual de suas filhas do que pessoas de cor mais clara. O nível de vigilância é uma questão de classe: os membros das classes alta e média – pretos, pardos ou

[4] N.T.: Nessa parte do texto, Frazier utiliza o neologismo "*marriedly*" como tradução inglesa do termo "maritalmente".

brancos [*black, brown or white*] – dão mais atenção ao comportamento sexual de suas filhas que membros da classe mais baixa.

O professor Herskovits fez uma objeção ao caso que citei como ilustração de como a herança africana desintegrou-se e perdeu-se. Em minha análise, deixei claro que o pai de meu informante, ao desposar cinco mulheres e construir casas para elas, comportou-se de acordo com sua herança africana. Porém, quando teve, primeiramente, um filho na África (onde, por acaso, aprendeu um pouco de Yoruba em uma escola de missão) e, depois, mais 20 no Brasil, como resultado de relações sexuais casuais, a herança africana começou a desintegrar-se e perder seu sentido. As crianças, cujas mães eram de origens raciais diversas e para as quais não se construiu nenhuma casa, não tiveram oportunidade de assumir a herança africana de seu pai. O comportamento sexual de meu informante era obviamente promíscuo; é certo que o professor Herskovits não diria que o comportamento sexual promíscuo, exceto quando controlado de forma ritual, é um traço cultural africano. Residindo no Brasil, meu informante começou a tornar-se brasileiro; assim, quando se casou, seu casamento se deu numa Igreja Católica, estabelecendo-se como um brasileiro respeitável. Não sei dizer quanto as posturas de meu informante nas relações sexuais e conjugais continuam sendo influenciadas por sua herança africana, mas seu comportamento manifesto conformava-se ao padrão brasileiro.

A mobilidade desse informante me possibilita uma transição adequada para um apontamento que devo fazer a outra afirmação do professor Herskovits sobre a persistência de traços africanos nas famílias dos negros [*Negroes*] brasileiros. Em meu artigo, mostrei que os casais, nas famílias que estudei, conheceram-se casualmente no trabalho, em festejos ou até mesmo na rua. Para mim, isso indica que a crescente mobilidade da vida brasileira tem feito com que casamentos e uniões resultem de aventuras fortuitas. Contudo, de acordo com o professor Herskovits, essa é uma herança cultural africana! Além disso, no que diz respeito à minha asserção de que não há padrão consistente de casamento e reprodução, o professor Herskovits, como objeção, diz que parto de uma noção errônea sobre a cultura de povos primitivos, afirmando que, na verdade, a cultura primitiva apresenta variações. Se a cultura é definida como padrões de comportamento, deve haver alguma consistência no comportamento, de outro modo, o comportamento seria resultado da ação fortuita de impulsos. De fato, o professor Herskovits parece descartar os impulsos humanos, as emoções espontâneas, os sentimentos gerados por meio da associação de membros em uma mesma unidade doméstica [*household*]. Ele parece ridicularizar a ideia de que a família pode vir a existir como uma "organização natural". A partir de meus estudos sobre a família negra [*Negro family*] no sul dos Estados Unidos, estou convencido

de que, sem a ação de controles institucionais, o grupo familiar frequentemente se desenvolve como resultado da interação entre casais e crianças em um mesma unidade doméstica [*household*].

O professor Herskovits acredita ter identificado a jovem cuja genealogia apresentei em meu artigo, contradizendo minha afirmação de que ela sabia apenas algumas palavras africanas, as quais tinham sido aprendidas no Candomblé. Todavia, revisando minhas anotações, descobri que ele não a identificou – tenho registro da jovem que ele menciona. Referente aos pais adotivos desta última garota, ele faz a seguinte afirmação: "Seria difícil encontrar na Bahia outra família aparentemente mais aculturada aos modos de vida europeu e, ao mesmo tempo, mais dedicada a práticas africanas de culto". Eu visitava essa família quase todos os dias e conheci muito bem os seus membros. Tinha conhecimento dos altares "habilmente ocultados de visitantes casuais". Também sabia da "esposa" mestiça [*mixed-blood*] que fora originalmente possuída por uma divindade indígena [*Indian god*] e era considerada louca pelas pessoas, mas que seu "marido", depois que passaram a viver juntos "maritalmente", convenceu-a de que se tratava de uma divindade africana [*African god*]. Além disso, seu esposo, que é negro [*black*], mas não sabe nada a respeito de seus pais, não recebeu deles seus conhecimentos sobre tradição africana nem suas habilidades de tocar tambores. Tais fatos, bem como outros que citei, foram comparados com conclusões da Dr.ª Ruth Landes, que passou um ano no Brasil e tornou-se íntima dessa família.

Embora os problemas da antropologia e da etnologia não possam ser resolvidos a partir da análise de formas gramaticais, gostaria de responder às críticas feitas pelo professor Herskovits acerca da minha tradução de pae-de-santo para o inglês, designação do líder de culto do Candomblé. De acordo com ele, minha tradução do termo como "*father-in-saintliness*" é infeliz, pois seu verdadeiro significado seria "*father of the god*". Em português, a preposição "de", sem artigo, é usada com um substantivo para denotar qualidade. Assim, traduzi os termos pae-de-santo, mae-de-santo e filha-de-santo como, respectivamente, "*father-in-saintliness*" (*sainted father* ou *holy father*), "*mother-in-saintliness*" e "*daughter-in-saintliness*". Diga-se de passagem que, no dicionário da língua portuguesa, o termo pae-de-santo é dado como exemplo para o uso de santo como adjetivo (cf. LIMA; BARROSO, 1939, p. 923).[5] O professor Herskovits cometeu o erro de escrever filha-do-santo em vez de filha-de-santo (1941, p. 220). O termo filha-do-santo, se traduzido literalmente para o inglês, seria "*daughter of the god*", porque "do" é a contração da preposição "de" com o artigo definido "o". Mas filha-de-santo significa "*holy daughter*", assim

[5] N.T.: Foram mantidas as traduções em inglês de Frazier e Herskovits a fim de deixar evidente o ponto da discussão terminológica entre os dois autores. Literalmente, mantendo o modelo de construção hifenizado de Frazier, cada um dos termos poderia ser traduzido para o português como: pai-em-santidade (*father-in-saintliness*), pai santificado (*sainted father*), pai sagrado (*holy father*), mãe-em-santidade (*mother-in-saintliness*), filha-em-santidade (*daughter-in-saintliness*), filha sagrada (*holy daughter*). De toda maneira, na acepção de Frazier, essas palavras seriam traduções diretas para pai de santo, mãe de santo e filha de santo.

como "uma casa de madeira" significa "*a wooden house*". Um antropólogo brasileiro e uma antropóloga americana traduziram o termo pae-de-santo para o inglês como "father-in-saintliness" (cf. LANDES, 1940 e CARNEIRO, 1940).[6] Quero enfatizar, porém, que não dependi da gramática do português para traduzir esses termos. Tentei descobrir o que os termos pae-de-santo, *mae-de-santo* e filha-de-santo significavam para as próprias pessoas. Em nenhuma situação, verifiquei o significado de "*father-*", "*mother-*" ou "*daughter-of-the-god*" para esses termos. Tanto quanto pude entender o sentido deles, santo indicava uma qualidade que as pessoas adquiriam. De fato, um pae-de-santo contou-me que ele era apenas um zelador (*zealot*, em inglês), pois realmente há um único santo (*holy*, em inglês), aquele que habita os céus. Esse comentário revela, sem dúvida, a influência do catolicismo, que se fundiu com as crenças e práticas de culto.

Após ler texto do professor Herskovits, não vejo razões para alterar as conclusões a que cheguei em meu artigo, ainda que sejam provisórias e necessitem ser verificadas por meio de mais pesquisa. Talvez existam práticas rituais de origem africana conectadas à vida sexual e familiar dos negros [*Negroes*] que eu não descobri. É importante notar que não há nenhuma dúvida sobre as sobrevivências africanas no Candomblé. No caso do Candomblé, é fácil observar e registrar sobrevivências africanas, ao passo que as afirmações do professor Herskovits sobre as sobrevivências africanas em aspectos da família são sobretudo inferências baseadas em especulação. Mesmo nos Candomblés, como sublinha Carneiro (1940, p. 277-78), tradições e práticas africanas estão desaparecendo. No que tange ao padrão de família, continuo convencido de que as influências africanas, em geral, desapareceram. O tipo de organização familiar que encontramos entre os negros [*Negroes*] que estudei tem despontado como resposta às condições econômicas e sociais brasileiras. As sobrevivências africanas encontradas entre as famílias negras [*black*] de classe alta – como o consumo de determinadas comidas ou a música – é parte da cultura nacional brasileira.

[6] N.T.: Na verdade, Landes usa, no referido artigo, um termo ligeiramente diferente, *daughters in sainthood* (1940, p. 268). Carneiro também emprega *father in sainthood* no texto citado. Ele, além disso, faz uma argumentação interessante e relevante nesse debate: afirma que o "de" na expressão é geralmente entendido por falantes nativos do português como possessivo. De fato, alguns dos informantes candomblecistas de Carneiro argumentam que os termos "pai de santo" e "mãe de santo" são imprecisos, dado que santos não têm pais ou mães (1940, p. 274).

Referências bibliográficas

CARNEIRO, Edison. The structure of African cults in Bahia. **The Journal of American Folklore**, v. 53, n. 210, p. 271-278, 1940.

HERSKOVITS, Melville Jean. **The myth of the Negro past**. New York: Harper & Brothers, 1941.

LANDES, Ruth. Fetish worship in Brazil. **The Journal of American Folklore**, v. 53, n. 210, p. 261-270, 1940.

LIMA, Hildebrando; BARROSO, Gustavo (orgs.). **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**, 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

WOODSON, Carter G. Resenha de *Life in a Haitian valley*, de M. J. Herskovits. **Journal of Negro History**, v. 22, n. 3, p. 366-369, 1937.